



VOL.6 | N. 12 | JUL/DEZ DE 2020 | ISSN 2359-4489

ARTE E POLÍTICA: ESTADO E NACIONALISMO

A Rússia Soviética sob o olhar da literatura

Wagner Pires da Silva¹

Resumo: Após vencerem a Guerra Civil, os bolcheviques deram início à construção de uma sociedade completamente nova. Desafios imensos diante de uma sociedade que era das mais atrasada da Europa, com a infraestrutura de ferrovias, estradas e fábricas destruídas pelos anos de conflito. A Rússia comunista isolada só podia contar com seus próprios recursos para esta tarefa. Este artigo apresenta, por meio do diálogo com a literatura, alguns aspectos dessa construção, buscando apreender, por meio da análise de obras da primeira década após a Revolução, as transformações operadas pela revolução. Assim aborda como fontes os romances, *Viagem Sentimental* de Chklóvski, *Inveja* de Oliécha, *O Ano Nu* de Pilniak e *Diário de Kóstia Riábtsev*, escrito por Ognióv.

Palavras-chave: União Soviética, Literatura, Ordem socialista

Soviet Russia from the perspective of literature

Abstract: After winning the Civil War, the Bolsheviks began building a completely new society. Immense challenges facing a society that was one of the most backward in Europe, with the infrastructure of railways, roads and factories destroyed by the years of conflict. Isolated communist Russia could only rely on its own resources for this task. This article presents, through the dialogue with the literature, some aspects of this construction, seeking to apprehend, through the analysis of works of the first decade after the Revolution, the transformations brought about by the revolution. So it addresses the novels as sources, Chklóvski's *Viagem Senitmental*, Oliécha's *Inveja*, Pilniak's *O Ano Nu* and *O Diário de Kóstia Riabtsev*, written by Ognióv.

Keywords: Soviet Union, Literature, socialist order

¹ Especialista em História do Brasil; Mestre em Políticas Públicas. Universidade Federal do Cariri – UFCA. E-mail: wagner.pires@ufca.edu.br.

Quando os bolcheviques tomaram o poder na Rússia, por meio dos soviets, estavam seguindo por um caminho nunca antes percorrido. A experiência mais próxima e, por isso, sempre revisitada por eles, foi a Comuna de Paris, em 1870. A transformação de uma sociedade que se organizava segundo o modo capitalista de produção e, no caso específico russo, profundamente marcada por aspectos culturais e históricos peculiares do país, em um novo modelo de sociedade passou a ser a ordem do dia, principalmente após a guerra civil.

Marx e Engels focaram seus escritos na análise do sistema capitalista, dedicando pouca atenção às questões de organização da sociedade socialista, a surgir após a derrocada do capitalismo. Assim, após a tomada do poder, os revolucionários russos tiveram que se dedicar a resolução dos problemas que se originavam da transição. Passaram a atuar para a resolução dos problemas do cotidiano da sociedade socialista que estavam construindo.

Há uma abundância de textos políticos e econômicos escritos do período e sobre o mesmo, bem como de trabalhos que se utilizaram dessas fontes, mas ainda há pouca produção sobre o cotidiano russo nos primeiros anos após a revolução. Este trabalho, por meio do diálogo com a literatura, procura trazer esse período à discussão, explorando romances de autores soviéticos, escritos durante a década de 1920, apresentando assim aspectos da nascente sociedade soviética e seus dilemas entre o velho e o novo sistemas e as permanências e avanços dos mesmos na sociedade.

Assim, o trabalho em um primeiro momento aborda a utilização da literatura enquanto fonte histórica, esclarecendo os motivos que levaram a optar pelas obras ora analisadas. Em seguida, apresenta um pouco da Rússia antes dos soviets e a revolução, para em seguida discutir a construção da ordem socialista pelos bolcheviques. Por fim, o artigo analisa as obras literárias que apresentam o pano de fundo dos esforços do governo dos soviets para caminhar rumo ao socialismo, por meio da formulação de políticas inéditas, uma vez que “não se encontravam em nenhum lugar da teoria marxista ou revolucionária em geral”².

Literatura como fonte histórica

Quando a história surgiu como ciência no século XIX, adotou os documentos oficiais, como fonte, de onde poderia extrair a verdade. Apenas com a “revolução” metodológica, iniciada pelos *Annales*, escola francesa iniciada com a publicação da revista de mesmo nome, responsável, entre outras inovações, pela ampliação das fontes históricas, a noção de fonte se

² Freitas, 2017, p.17

desvinculou de documento. Com isso a literatura não somente passou a ser uma fonte histórica, que nos permitia o vislumbre de uma realidade distante, mas também de fontes de possibilidades para essa realidade³.

A utilização de romances de autores soviéticos, neste trabalho, permitirá conhecer aspectos da vida urbana da Rússia Soviética, que escapam aos proclames políticos, às matérias jornalísticas, aos relatórios do Estado. Utilizar esses romances aprofundará este trabalho nas relações sociais, visto que

O objeto principal do romance é a sociedade: a vida social dos homens em sua contínua interação com a natureza que os cerca e constitui a base da sua atividade social, assim como as diferentes instituições ou costumes que se interpõem nas relações entre os indivíduos na vida social⁴.

É certo que ao escrever um romance o autor se atém a sua criatividade, a sua capacidade de inovação. Mas ele o faz sobre a vida real, captando aspectos das ações materiais do homem. Em seus escritos, mesmo que não seja um personagem, o autor não deixa de ser um observador participante, “do real, da vida social dos homens, com seus costumes, seus modos, sua cultura, das possibilidades que foram e que não foram”⁵.

Apesar disso, é importante ter em mente a ressalva de que por mais elementos do real que o texto literário, possa ter, que seu autor possa ter vertido, a realidade, por sua complexidade, sua riqueza, sempre escapará ao historiador que se debruça sobre um romance. Afinal ficção é indissociável da realidade, sendo que é nessa “relação ficção-sociedade (realidade) que as condições de tempo, espaço, cultura, sonhos, utopias e desejos falam a nós historiadores”⁶.

A utilização do romance pelo historiador não é análise textual. É preciso entender a singularidade da obra, a relação entre forma e conteúdo em um ato deliberadamente político. Assim, será possível a este artigo apresentar um panorama dos comuns, da massa silenciosa que, em 1917, ousou tomar as rédeas de seu destino nas mãos, para depois deixá-las escapar para os burocratas, que dominaram a URSS, do período de Stalin até o esfacelamento da mesma.

³ Ferreira Jr, 2016

⁴ Luckács, 2010, p.174

⁵ Ferreira Jr, 2016, p.48

⁶ Ferreira Jr, 2016, p.49

Construir a ordem socialista

Em Outubro de 1917, às vésperas do Congresso dos Sovietes, uma insurreição armada, liderada pelos bolcheviques, derruba o governo Provisório da Rússia, instaurado em Fevereiro do mesmo ano e leva aos delegados do congresso a questão do que fazer com o poder. O Congresso, não apenas aceitou tomar as rédeas do poder do Estado como elegeu um novo governo de Comissários do Povo, de maioria bolchevique, liderado por Lênin.

Esse governo iria enfrentar uma oposição imensa, não apenas de forças à direita, como de diversas correntes que se reivindicavam de esquerda, com algumas que reivindicavam do socialismo e do marxismo, e ainda uma guerra civil que se estende até 1921. Com a vitória da Guerra Civil, finalmente, as palavras de Lênin no Congresso dos Sovietes puderam ser cumpridas: “Neste momento, passamos à construção da ordem socialista”⁷. Agora, era possível assumir as tarefas de “construir um Estado, administrar um país, elaborar uma estratégia para as relações internacionais”⁸.

O recorte temporal deste trabalho se estende pela década de 1920, indo do fim da guerra civil até a ascensão de Stalin, por ser este o período onde o governo soviético passa das preocupações com a defesa do poder tomado durante a revolução para atuar na transformação da sociedade russa. Neste período se desenrolam também as polêmicas próprias da construção de um novo sistema: “ideologia, os respectivos papéis do Estado, a política econômica e, especialmente, a questão estrategicamente crucial das políticas camponesas”⁹. Essas polêmicas se agrupam em duas orientações divergentes, onde, “uma concentrou-se em dotar a Rússia de um Estado que defendesse os interesses da maioria da população; o outro focou sua estratégia no Estado em si – uma perspectiva compartilhada por muitos na Rússia, entre eles os veteranos da Guerra Civil”¹⁰. A ascensão de Stalin marca a predominância da segunda orientação, a qual modificou a atuação do Estado, ampliando o autoritarismo.

Vencida a guerra civil, os bolcheviques, agora adotando o nome de comunistas, passaram a se ocupar de atividades que iam além da política. Para Trotsky, um dos líderes da revolução de Outubro, as tarefas fundamentais “deslocaram-se para o domínio da construção econômica e cultural. Tornaram-se mais complexas, parcelaram-se, adquiriram um caráter mais detalhado e, ao que parece, mais prosaico”¹¹.

⁷ Reed, 2010, p.187

⁸ Lewin, 2007, p. 355

⁹ Lewin, 2007, p. 29

¹⁰ Lewin, 2007, p.27

¹¹Trotsky, 2009, p.7

Desde os primeiros dias no poder, o governo soviético começou a realizar modificações sensíveis na sociedade. O Decreto da Terra, garantindo uma ampla reforma agrária, a nacionalização dos imóveis, dos bancos, a declaração dos povos, que garantia autonomia aos povos submetidos ao antigo império Russo foram algumas das medidas tomadas ainda em 1917, pelo governo dos comissários do povo.

O governo soviético ainda realizou a alfabetização em massa, não só do povo russo, mas das dezenas de povos que compunham o imenso Império Russo e que agora eram integrantes da União Soviética, lançando “as bases para uma nova cultura destinada não aos eleitos, mas a todos”¹².

Embora se possa reconhecer o sucesso de boa parte das medidas tomadas pelo novo regime, faz-se necessário reconhecer que, “mesmo após a tomada dos bastiões do capitalismo financeiro, a maior parte da população permaneceria historicamente muito longe dos primeiros passos em direção ao pós-capitalismo”¹³. Ou seja, apesar da expropriação da burguesia e dos avanços daí decorrentes, o socialismo ainda era uma meta a ser alcançada, diferente do que a propaganda stalinista iria assegurar anos depois¹⁴.

O governo soviético enfrentou diversas dificuldades, entre elas, “três anos de guerra civil (...), os anos de bloqueio, de miséria, de fome e de epidemia, os anos de tensa edificação econômica, as novas dificuldades e privações”¹⁵, mas “as massas revolucionárias suportam as privações de forma paciente, mas não passiva. Elas constroem com suas próprias mãos um futuro melhor e querem criá-lo a qualquer preço”¹⁶.

O poder soviético deveria buscar reconstruir a economia, mas fazê-lo “em bases novas, que devem garantir o bem-estar de todos os trabalhadores”¹⁷. No entanto uma série de dificuldades se colocariam diante dessa tarefa.

Diversas variáveis incidiram na construção da nova economia socialista: a conjuntura política e econômica nacional e internacional, a habilidade da classe operária de fazer valer sua capacidade de dirigir e alimentar o processo revolucionário e a elaboração teórica e técnica de uma nova forma de funcionamento da economia, agora não mais baseada centralmente na extração da mais-valia e na acumulação de capital, dada a redução das propriedades privadas de meios de produção¹⁸.

¹² Trotsky, 2017, p.156

¹³ Lewin, 2007, p.353

¹⁴ Lewin, 2007

¹⁵ Trotsky, 2017, p.157

¹⁶ Trotsky, 2017, p.158

¹⁷ Trotsky, 2009, p.25

¹⁸ Andrade, 2017, p.23

A União Soviética foi traçando seu caminho para o socialismo buscando conciliar essas variáveis, utilizando diversas ferramentas, como a Nova Política Econômica. A NEP pode ser considerada um recuo das perspectivas de uma rápida transformação da economia para um estágio socialista¹⁹. E isso, porque o permanente conflito entre o setor estatal da economia e os pequenos produtores deveria ser equacionado buscando-se o equilíbrio entre as relações capitalistas de mercado e a economia socialista²⁰.

A relação do Estado Soviético com os camponeses que se dava pelas requisições forçadas, agora se daria por relações de trocas de mercado. Mas por se tratar de uma ferramenta para construção do socialismo, as trocas da NEP não seriam equivalentes²¹. O campo após a revolução e a reforma agrária efetivada por ela era um espaço de pequenos produtores constituído basicamente de camponeses, essenciais para o abastecimento das cidades e para o fornecimento de matérias-primas e combustível para as fábricas. No entanto, as requisições, levavam toda a produção e não conseguiam fornecer os produtos necessários a esses produtores²².

Era preciso melhorar as condições de vida desse setor e estimular o desenvolvimento das forças produtivas no campo. Por isso a NEP substituiu as requisições por um imposto em espécie, que permitiria ao produtor permanecer com parte da produção para si, a qual poderia ser comerciada, ao mesmo tempo que buscava melhorar a distribuição dos produtos por meio de relações de mercado incipientes.

A NEP viria a trazer os resultados esperados. A partir de 1924, a economia se estabiliza, embora as condições de vida, principalmente dos trabalhadores urbanos ainda sejam duras²³. São as vidas destes trabalhadores que foram retratadas nas obras literárias que este trabalho se utiliza.

Mas existiam preocupações para além da economia. A igualdade entre homem e mulher, nos aspectos políticos, econômicos e familiares, demandava a atuação na sociedade para libertação das mulheres das atividades domésticas, permitindo-lhe atuar na vida social e do Estado²⁴. Essa tarefa não se desligava da obra geral de construção socialista. A solução

¹⁹ Andrade, 2017

²⁰ Freitas, 2017

²¹ Freitas, 2017

²² Freitas, 2017

²³ Lindoso, 2013

²⁴ Trotsky, 2009

seria a coletivização da economia familiar e da educação das crianças, possível por meio do enriquecimento de toda a economia.

A lavagem de roupas deve ser feita numa boa lavanderia coletiva. As refeições devem ser tomadas num bom restaurante coletivo. Os vestuários devem ser confeccionados num ateliê de costura. As crianças devem ser educadas por bons pedagogos, que nisso encontrarão seu verdadeiro emprego²⁵.

Cada uma das tarefas listadas acima era atribuídas às mulheres. Trotsky ressaltava que apenas por meio do enriquecimento material da sociedade russa, tais medidas poderiam ser implementadas e permitir que mulheres e homens pudessem ser socialmente iguais. As frentes de atuação eram inúmeras. Mas, como eram vistas tais medidas pelo povo? A aproximação com as fontes literárias é uma tentativa de compreender como foram vivenciadas pelas mulheres e homens comuns, as transformações implementadas pelo governo dos soviets.

Um retrato dos anos 1920 na União Soviética pelas obras do período

Após a guerra civil publicou-se muito na União Soviética. Desde obras marxistas às obras dos líderes da Revolução, passando por romances e livros técnicos. E em tiragens enormes de 10 mil ou mais exemplares²⁶.

O presente artigo, dentro do recorte temporal traçado, a década de 1920, utiliza quatro romances publicados em português, por ocasião do centenário da Revolução Russa. A escolha de se utilizar de obras que foram escritas e publicadas durante o recorte temporal, levou a pesquisa a passar ao largo do livro de Pasternak, *Doutor Jivago*. Embora a obra aborde a Rússia pré-revolucionária, as revoluções de Fevereiro e Outubro, a guerra civil, a NEP, entre outros, o livro foi escrito no fim da década de 1940, um tempo considerável após as obras que utilizamos neste artigo. Essas são, por assim dizer escritas no calor da hora. E ainda, Pasternak foi publicado primeiro na Itália e só décadas depois os russos conheceriam a obra. Já Oliécha, Ognióv, Pilniák publicaram suas obras na Rússia soviética, e mesmo Chklóvski, que publicou seu romance integralmente em Berlim, já havia publicado partes dele na Rússia Soviética, pelas edições do Estado.

Oliécha abandonou o curso de direito em 1919, em plena guerra civil, para se juntar ao Exército Vermelho, onde produziu material de propaganda. A obra que abordamos neste artigo foi recebida calorosamente quando de sua primeira edição, mas aos poucos como a ser

²⁵Trotsky, 2009, p.45

²⁶ Chklóvski, 2017

vista como ambígua e levando aos poucos o autor a ser taxado de decadente e reacionário, o que o levou a abandonar a literatura, dedicando-se a adaptações para o cinema e o teatro.

Outro escritor envolvido com as atividades revolucionárias, Ognióv não conseguiu concluir a educação formal, por conta de seu envolvimento, ainda antes da revolução, com o movimento revolucionário. Após Outubro, atuou como inspetor de Educação Pública, integrando ainda o *Konsomol*, a juventude comunista, escrevendo poemas e peças de propaganda. Seu *Diário de Kóstia Riabtsev* reflete suas experiências, com os estudantes. Embora sua obra abordasse a sociedade soviética de forma positiva, Ognióv, com sua demasiada fidelidade à vida, não conseguiu qualificar seu livro como um marco inicial do realismo socialista, uma vez que este estilo se dedicava a escrever sobre como a vida deveria ser e não como ela era de verdade²⁷.

Pilniák, autor de *O Ano Nu*, foi aclamado pela crítica soviética, quando da publicação da obra, tornando-se o primeiro escritor a ser escolhido para representar a literatura soviética internacionalmente, realizando uma série de viagens para Inglaterra, EUA, França e outros países. A partir dos anos 1930, Pilniák, apesar de ser um dos escritores mais lidos e publicados de sua época, vai sendo deixado à margem pela crítica militante e termina seus dias em uma prisão, acusado de espionagem. Reabilitado em 1956, apenas em 1975 suas obras voltariam a ser publicadas na URSS.

Sobre Chklóvski é interessante notar que tendo sido combatente da revolução de Fevereiro e crítico dos bolcheviques, após um pequeno período de exílio em Berlim, retornou à União Soviética na década de 1920, onde escreveu e publicou principalmente sobre teoria e crítica literária, até o fim dos seus dias, adaptando-se melhor que os outros quatro autores às imposições do realismo socialista a partir dos anos 1930

Aqui se faz necessário abordar um aspecto dos debates sobre cultura e especificamente sobre literatura na União Soviética do período. A Revolução levou ao poder uma classe relativamente inculta, o que, por si só, já seria suficiente não apenas para abrir imensas possibilidades para a vida cultural, mas também dificuldades enormes, dadas as condições da Rússia revolucionária²⁸. Uma dessas dificuldades era o fato de que boa parte dos intelectuais, originários da pequena burguesia, eram abertamente hostis ao governo dos soviets. Muitos deles emigraram da Rússia, enquanto outros se deixaram ficar, sem, no entanto, produzir nada a nível de seus talentos, “incapazes de reagir ao drama de sua época”²⁹.

²⁷ Maguire (2017)

²⁸ Deutscher, 2005

²⁹ Deustcher, 2005, p.224

É neste momento que ganha força o movimento denominado *proletkult*, que defendia que a “ditadura proletária deveria iniciar uma cultura proletária, impregnada da consciência de classe marxista, internacionalismo militante, materialismo, ateísmo e assim por diante”³⁰, o movimento era a expressão de uma inclinação de parte dos bolcheviques que acreditavam que os assuntos educacionais e culturais poderiam ser resolvidos pela simples adoção de palavras de ordem, imposição de regras e intimidação. A *proletkult* apregoava o abandono da cultura burguesa, por seu caráter classista e o surgimento de uma cultura original.

Trotsky e o próprio Lênin se opuseram à *proletkult*, defendendo o direito de expressão de seus defensores³¹, mas fazendo o contraponto de que os valores e a cultura do passado deveriam ser assimilados, compreendidos e a partir daí criticados, ao mesmo tempo em que dialogavam com a antiga intelectualidade de que precisavam encontrar seu lugar na sociedade soviética para além do legado cultural burguês.

A busca por esse equilíbrio era delicada, pois, devido a efervescência do período, surgiam diversas escolas rebeldes, na arte e na literatura, que se anunciavam como pioneiras da revolução, procurando desacreditar as escolas mais velhas, taxando-as de reacionárias e envelhecidas. Em seus escritos e discursos sobre arte e literatura, Trotsky “exigia liberdade de expressão para todas as escolas artísticas e literárias, pelo menos enquanto não abusassem dela para finalidades claras e inequivocadamente contrarrevolucionárias”³². Não havia necessidade de se desenvolver uma cultura proletária, pelo caráter transitório da ditadura do proletariado, entendendo que o esforço deveria ser o de assimilar a cultura burguês, para criação de uma cultura universal, da futura sociedade sem classes³³.

O isolamento russo, diante da derrota das revoluções em outros países, bem como o afastamento de Trotsky e a liquidação da oposição, levou a predominância da burocracia do partido para o terreno das artes e literatura, com a imposição do “realismo socialista”, na década de 1930³⁴. Embora apoiado pelos defensores da *proletkult*, o realismo socialista, em vez de refletir uma cultura proletária original, era apenas a cristalização da degenerescência burocrática da sociedade soviética³⁵. Com o realismo socialista, as inovações, as novas

³⁰ Deustcher, 2005, p.210

³¹ Deustcher, 2005

³² Deustcher, 2005, p.223

³³ Trotsky, 2007

³⁴ Bandeira, 2007

³⁵ Bandeira, 2007

experiências que surgiram com o advento da revolução são desestimuladas e mesmo perseguidas.

Trotsky, abordando a questão cultural e literária entre 1922 e 1923, considerava então que com a destruição da burguesia, a literatura havia deixado de existir³⁶. Em busca de uma nova orientação, uma vez que já não podia contar com o eixo burguês. O povo deveria ser o novo eixo, ou seja, os camponeses, a pequena burguesia, ainda existente nas cidades e os operários.

O livro de Chklóvski, *Viagem Sentimental*, foi publicado em partes, entre 1919 e 1923, quando sua versão integral foi publicada em Berlim. A obra aborda as revoluções de Fevereiro e Outubro, bem como a Guerra Civil que se seguiu. Chklóvski registra a revolução de Fevereiro em Petrogrado, da qual participou. Depois segue para a Pérsia, atual Irã, a serviço do Exército Russo, retornando a Petrogrado após a tomada de poder pelos bolcheviques, como ele relata “eu não tinha visto outubro, não tinha visto a explosão, se é que houvera explosão”³⁷. Chlóvski resolve fazer oposição ao regime dos bolcheviques. Relata então o cotidiano de Petrogrado e depois de Moscou, até que suas atividades contra os bolcheviques o tornam alvo da Polícia Política, o que o obriga a emigrar, como tantos outros adversários dos bolcheviques. Ele vai para o exterior, não sem registrar em seu livro críticas aos que capitulam, aos que eram seus companheiros na oposição aos bolchevique e que depois se juntaram a eles, julgando-os “com um apetite se não pelo poder, ao menos por cargos (...) vi multidões de pessoas assim”³⁸. Segundo autor, tanto os bolcheviques quanto os que a eles se aliam seriam medíocres. Para o autor, a Rússia seguira o bolchevismo “assim como uma pessoa se esconde da vida para uma psicose”³⁹.

As observações que faz sobre os bolcheviques são amargas, versando sobre a ingenuidade, afirmando que estes teriam fé nos milagres que operavam, pois, os bolcheviques “fazem milagres, mas os milagres saem mal”⁴⁰. Sobre os ditos milagres, feitos pelos bolcheviques e nos quais eles creem, a Nova Política Econômica está entre eles. “E agora, no momento em que eles fazem concessões e multiplicam o número de comerciantes, a única coisa que mudou foi o objeto de sua fé, mas eles continuam acreditando no milagre”⁴¹. O

³⁶ Trotsky, 2007

³⁷ Chklóvski, 2017, p.190

³⁸ Chklóvski, 2017, p.31

³⁹ Chklóvski, 2017, p.95

⁴⁰ Chklóvski, 2017, p.200

⁴¹ Chklóvski, 2017, p.201

autor conclui que a NEP permitiu que ainda existissem ricos e pobres, o que tornava inútil os russos terem realizado uma revolução tão violenta.

O autor prossegue, dizendo que pessoas novas foram chamadas para realizar o milagre, mas elas só conseguiram abrir um café. Há um total desprezo pela figura dos bolcheviques, principalmente no momento em que escreve, exilado na Finlândia. Mas apesar das críticas que Chklóvski pudesse ter, os bolcheviques continuavam a frente dos soviets e continuavam buscando submeter a economia à razão, a colocá-la a serviço das pessoas.

E seria no lar, o local onde a economia poderia se colocar a serviço do povo, atuando sobre uma das mais antigas opressões: a de gênero. Essa investida sobre o lar, é abordada no romance de Oliécha, publicado em 1927, *Inveja*. No livro pode-se acompanhar o protagonista, Kavaliérov, que vive de favores na casa de Bábitchev, um dirigente industrial soviético que busca produzir salames e mortadelas mais duráveis e baratos. O edifício em que moram, “tem cozinha comum, servida por duas cozinheiras em revezamento”⁴², dessa forma, os moradores do prédio estavam livres da necessidade preparar a sua própria alimentação, estando assim liberados para outras atividades.

Além disso, Oliécha aborda as cozinhas industriais que, como a dirigida pela personagem do seu romance, servem a preços baixos as refeições que antes se fazia nas casas. Kavaliérov esmiúça o que acontece no momento, na Moscou em que vive, personificado no projeto encabeçado por seu anfitrião, como uma declaração de guerra às cozinhas, que “porá fim ao artesanato, aos meio litros, às garrafinhas. Unificará todas as picadeiras de carne, fogareiros a querosene, frigideiras, torneiras... será a industrialização das cozinhas”⁴³. Relatando a visita a uma casa de operários, conta como foram expulsos da cozinha pelas mulheres, por estarem atrapalhando o andamento das tarefas. O protagonista, que acha sem imaginação o diretor Bábitchev, enuncia o discurso que este deveria ter feito na ocasião:

Mulheres! Nós tiraremos de vocês a fuligem com um sopro, limparemos de fumaça as suas narinas e de barulho os seus ouvidos, obrigaremos a batata a descascar-se sozinha, milagrosamente; devolver-lhes-emos as horas que lhes foram roubadas pela cozinha: receberão de volta metade da vida⁴⁴

Um discurso, no mesmo tom do enunciado pelos dirigentes do Estado Soviético. Kavaliérov nos informa que ele escreve pecinhas sobre as senhoritas soviéticas, fiscais de impostos, a Nova Política Econômica (NEP), entre outros temas. Sonha em ser renomado, considerado

⁴² Oliécha, 2017, p.20

⁴³ Oliécha, 2017, p.22

⁴⁴ Oliécha, 2017, p.23

pelos seus, no entanto, não consegue passar de um invejoso, um sentimento, antigo, considerado impróprio para os novos tempos soviéticos. Bábitchev, seu anfitrião, um ex-presos político, agora “é um homem do governo, um comunista, ele constrói o mundo novo”⁴⁵. E o invejoso não consegue entender que a glória desse mundo novo era fabricar uma nova qualidade de mortadela. Kavaliérov se questiona:

Não compreendo essa glória, o que isso significa, afinal? Não era dessa glória que me falavam as biografias, os monumentos, a História... significará isto que se modificou a natureza da glória? Em toda a parte, ou somente aqui, neste mundo em construção? Mas bem que sinto que este mundo novo, em construção, é o principal, o triunfante...⁴⁶

Este talvez fosse um conflito recorrente na jovem sociedade soviética. Não se entendia esse novo mundo, embora se compreendesse que esse novo mundo era o triunfante, que o que se sabia antes ficara para trás e que era preciso adaptar-se a ele. Não era algo fácil, adaptar-se a esse mundo. Chklóvski escrevendo sobre suas experiências durante a revolução registrou “veja como era fácil passar para os velhos hábitos até para os representantes das ‘autoridades locais’ proletárias. Por exemplo, a punição corporal continuou intacta mesmo durante a ditadura do proletariado”⁴⁷. Transformar o velho Império Russo na União Soviética era um desafio gigantesco, ampliado pelo isolamento do restante da Europa, cujas revoluções não obtiveram êxito⁴⁸.

Com seu protagonista morando com um dirigente da indústria alimentícia soviética, causa estranheza que nem ao menos de passagem Oliécha aborde as delicadas relações entre cidade e campo. Mas a obsessão do dirigente em multiplicar cozinhas, em prover a alimentação e na criação de sua mortadela, a preço acessível e de maior duração do que as demais parece nos indicar que nas entrelinhas há uma busca por diminuir o peso dos produtos rurais para a alimentação das cidades.

Pilniák em seu *O Ano Nu*, publicado em 1922 nos apresenta uma opinião positiva dos bolcheviques. Fala deles quase como se estivesse falando de seres mitológicos. Em seu livro, que narra a ascensão dos camponeses e a conseqüente queda da nobreza rural em um vilarejo no interior da Rússia, ele trata a revolução como a liberação da energia do povo russo, de seus camponeses, enfim, uma energia ligada a terra, a natureza. E os canalizadores seriam os bolcheviques.

⁴⁵ Oliécha, 2017, p.53

⁴⁶ Oliécha, 2017, p.54

⁴⁷ Chklóvski, 2017, p.101

⁴⁸ Lewin, 2007

Ei-los, de jaquetas de couro, todos do mesmo jeito, belos homens de couro, todos fortes, os cachos formando um anel debaixo do quepe virado para trás, todos com zigomas macilentos, rugas ao redor dos lábios; os movimentos de todos eles eram de ferro. A seleta da nação russa, áspera e grosseira, é o que sabemos, é o que queremos, é o que decidimos – e basta⁴⁹.

Esses bolcheviques instalam seu Comitê Executivo no antigo Monastério. Uma mostra de que novos tempos estavam chegando. O estabelecimento de novos sagrados, novos costumes. Os bolcheviques estimulam os camponeses e demais trabalhadores da região a se organizarem, a se juntarem a eles, fornecem-lhe meios e cultura para exercerem o poder no lugar da família aristocrata a qual eram subordinados a gerações.

Com a saída do exército branco da região, cessam as tarefas de guerra e iniciam as de reconstrução. Pilniák registra a visita de diversos especialistas enviados pelas instituições soviéticas que supervisionavam a indústria, logo após a retirada dos brancos. Estes especialistas declararam ser impossível colocar as fábricas para funcionar novamente. Diante do diagnóstico dos especialistas, os membros da expedição embarcam no trem para retornar a Moscou. Mas a ordem que recebem foi a de retornar às fábricas, porque “*não há nada que seja impossível fazer – pois era impossível não fazer. Fomos porque o bolchevique K., Lukitch, que não era especialista, de modo muito simples raciocinou que, se fosse feito, não seria preciso fazer, e as mãos podem fazer tudo*”⁵⁰. E todos se puseram a trabalhar para que as fábricas fossem reativadas. Esse trecho apresenta a oposição entre os especialistas, muitos deles a serviço do poder soviético apenas por pragmatismo, e os bolcheviques, que se colocam ao lado do povo. Essa oposição decorre de uma desconfiança surgida durante a revolução, quando os especialistas dos mais diversos setores abandonaram seus postos para não servirem aos soviets, durante a revolução de outubro⁵¹.

Os bolcheviques, esses homens que Pilniák deixava claro que não eram especialistas e que raciocinavam simples, esses homens vestidos de couro, ao mesmo tempo em que incorporavam novas palavras à língua russa e estimulavam a aquisição de novos conhecimentos eram os que estavam levantando a Rússia. Assevera o registro do escritor, que “a fábrica foi reavivada de maneira incrivelmente simples, em função da *necessidade econômica*”⁵².

⁴⁹ Pilniák, 2017, p.207

⁵⁰ Pilniák, 2017, p.210-211

⁵¹ Reed, 2010.

⁵² Pilniák, 2017, p.216

Trabalhando de forma cooperativa, os operários assumiram o controle das fábricas que eram impossíveis de voltar a funcionar. E logo, Pilniák mostra que “a fábrica autorregenerou-se, autorreavivou-se. (Não é esse um poema mais grandioso que a ressurreição de Lázaro?)”⁵³, uma comparação com a passagem dos evangelhos, na qual Jesus traz Lázaro de volta dos mortos. Aqui é a ressurreição da fábrica, sob a ação dos operários organizados pelos bolcheviques. O texto de Pilniák traz diversas referências como essa, onde as ideias do novo regime são apresentadas em contraposição ou no lugar das crenças religiosas.

Trotsky considerava Pilniák, como um “companheiro de viagem”, escritores que, para ele, formavam uma literatura de transição, que ainda que ligada à Revolução, não representa a arte revolucionária⁵⁴. Escrevem sobre o que lhes tocou na revolução. Falta-lhes um rompimento radical com o passado, e têm o ideal comunista como estranho. Sobre o *Ano Nu*, embora lhe faça elogios, Trotsky o apresenta como um livro que olha para o passado, omitindo a existência do Exército vermelho, a luta, mesmo a revolução. Para Pliniák, afirma Trotsky, a revolução é um retorno ao passado, ao século XVII, uma ode ao camponês⁵⁵. Mas, suas críticas não o impedem de considerar o escritor como talentoso e sua obra como brilhante.

O governo soviético procurava dar ao povo que passaram séculos no atraso e analfabeto as noções de uma cultura mundial, estimulando a leitura de obras diversas, como ficam registrado em *O ano nu*. Mas não só isso. Procurava-se repassar as ideias filosóficas e econômicas marxistas para essa população de forma simples, que não só pudesse ser aprendida, como repassada. Uma boa mostra de como se procurava incutir as ideias filosóficas e econômicas do novo regime entre a massa da população é a obra *Diário de Kóstia Riábtsev*, escrito por Ognióv. Publicado em 1926, o livro relata as reflexões e experiências de um jovem estudante soviético. A escola, suas relações com colegas, professores e a sociedade extramuros do ambiente escolar são o plano de fundo para o autor explorar diversos temas do período.

Ognióv registra um diálogo de um pequeno conto de um jornal para estudantes. Historietas como essa eram utilizadas para a educação da população, de temas caros ao regime. Quando o protagonista Riábtsev deseja saber o que é dialética, ele vai até um professor, que não responde a pergunta diretamente, mas recomenda a leitura de um conto

⁵³ Pilniák, 2017, p.216

⁵⁴ Trotsky, 2007

⁵⁵ Trotsky, 2007

publicado em um jornal. No conto, um grupo de jovens e um velho trabalhador discutem sobre o que tem mais importância, o maquinista ou a máquina. Alguns acreditam que a resposta é a máquina, porque vale mais, o homem morre e a máquina fica. Mas uma das personagens considera, “quem foi que inventou a máquina? O espírito da floresta, por acaso? Foi o homem que inventou, isso sim. Se não tivesse o homem, de onde é que você tiraria essa máquina?”⁵⁶ A história segue enumerando outros exemplos e diálogos para concluir o que é dialética. Afinal, conclui a história a “ignorância é um freio”⁵⁷. Contos como esse, usados como textos introdutórios para os estudantes preparavam os jovens não apenas para ser os futuros construtores do mundo, mas já construindo desde o ambiente escolar.

Um outro exemplo relatado na obra de Ognióv foi o de uma peça para as crianças de primeiro grau, intitulada *Cinderela Vermelha*. Nela, Cinderela é uma lavadeira, irmã de duas burguesinhas, a fada é substituída por um agitador comunista que usa um panfleto e não uma varinha para encorajá-la a tomar uma das roupas de suas irmãs e ir ao baile. Ao final, Cinderela não se casa com o príncipe: uma revolta eclode e o príncipe é expulso. O ambiente escolar contribuía para a criação de um imaginário diferente. Como na peça, os contos de fada recebiam novas nuances a combinar com os novos tempos.

O livro de Ognióv mostra os conflitos entre professores e estudantes, num momento em que estes desejavam vivenciar a liberdade que ouviam ter sido conquistada pela revolução e a disciplina escolar, que os professores tentavam implementar. O protagonista Kóstia, um estudante da nova escola soviética não poderia ser igual a antiga escola, pois “nós passamos pela fome, pelo frio e pela ruína, tivemos que alimentar não só nossas famílias, mas também andar milhares de verstas para achar pão para nós mesmos, e alguns participaram da Guerra Civil. Não faz nem três anos que a guerra acabou”⁵⁸.

A revolução e a guerra civil foram experiências que marcaram os russos que as vivenciaram. E para muitos deles, o governo soviético representou melhores condições de vida e trabalho, bem como o sentido de que, por meio dos soviéticos, era possível tomar, pela primeira vez, parte das decisões políticas do país.

As impressões que os escritores estudados deixam em suas obras dão conta de que a maioria da população acreditava na possibilidade da construção de um mundo melhor para si e para os filhos, embora, muitas das vezes não conseguisse entender a lógica dessa nova

⁵⁶ Ognióv, 2017, p.53

⁵⁷ Ognióv, 2017, p.58

⁵⁸ Ognióv, 2017, p.24

sociedade que se buscava criar, tal como o protagonista de *Inveja*. Ressalta também, mesmo na obra de Chlóvski, a mais crítica aos bolcheviques, é a capacidade destes em exprimirem com simplicidade, de forma que os ouvintes pudessem entender, suas propostas, ganhando a adesão dos ouvintes.

Conclusão

A economia soviética, a Guerra Civil, a NEP e outros temas receberam a atenção e foram objeto de estudos e análises de historiadores de diversos matizes. No entanto, a vida comum do povo, como eles viam as transformações que vivenciavam e sua postura diante do regime dos soviets foi pouco abordada, pelo olhar do historiador.

A aproximação do cotidiano da primeira década da Rússia Soviética, por meio da literatura produzida, publicada e lida pelos russos da época é uma das formas de se desvendar a vida do povo, fora das publicações do partido e das atas do congresso. Não que se pudessem considerar os livros como isentos e neutros diante do regime. Das quatro obras abordadas, uma delas é de um autor que se opôs aos bolcheviques e os demais, como muitos escritores da época, viveram os altos e baixos do regime, aproveitando-se dos momentos de maior liberdade e retraindo-se quando a censura se ampliava.

Não se pretende dar conta, neste artigo, de todas as peculiaridades de uma sociedade tão complexa como a da URSS, herdeira de um Império que se estendia da Europa a Ásia, habitado por povos de línguas, religiões e costumes muito diferentes entre si, mas apresentar um vislumbre do que foi a experiência dos primeiros anos de governo dos bolcheviques, pelo olhar de autores contemporâneos, eles próprios, envolvidos nas tarefas revolucionárias.

As obras permitem visualizar o esforço da construção de um mundo novo, de novos homens. De extirpar antigas noções e criar novas. Fazer perecer antigas lendas e nascer novas mitologias. Ainda não se tem o culto à personalidade, dos líderes, que se desenvolveria nos anos 1930, mas já se nota, principalmente nas obras de publicação mais tardia, como a de Ognióv, as sementes do que viria. A impressão que deixa a leitura das obras foi a de que, passada a revolução, vencida a guerra civil, já não havia mais burguesia, nem nobreza russas, mas a vida dos trabalhadores parecia tão dura quanto antes de Outubro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. A Revolução de Outubro de 1917 e a planificação econômica socialista. **Verinotio - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**. Ano XII, v.23, n.2, nov./2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/284>. Acesso em 20/08/2020.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O marxismo e a questão cultural. In: **Literatura e Revolução**. Tradução: Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2007.

CHKLÓVSKI, Viktor. **Viagem Sentimental**. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Editora 34, 2017.

DEUTSCHER, Isaac. **Trotski: O profeta desarmado, 1921-1929**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA JÚNIOR, José Ribamar. **Fortaleza entre duas visões: A Normalista e a Belle Époque (1893-1930)**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação), 103f. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2016.

FREITAS, Rebecca de Oliveira. Pensando a transição ao socialismo: uma leitura da Nova Política Econômica a partir de Preobrazhensky. **Revista Escrita da História**. Ano IV, vol. 4, n. 8, jul./dez. 2017. Disponível em <http://www.escritadahistoria.com/revista/index.php/reh/article/view/80>. Acesso em 24/08/2020.

LEWIN, Moshe. **O século soviético: da Revolução de 1917 ao colapso da URSS**. Trad. Silvia Costa. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LINDOSO, José Antônio Spinelli. UNIÃO SOVIÉTICA: da Nova Política Econômica (NEP) à construção do “socialismo num só país”. **Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN**, Natal, v. 14, n.1, p.105 - 126 jan./jun. 2013. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/4102>. Acesso em 20/08/2020.

LUCKÁCS, Gyorgy. **Marxismo e Teoria da Literatura**; seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Expressão Popular, 2010.

MAGUIRE, Muireann. Posfácio. In: **Diário de Kóstia Riábtsev**. Trad. Lucas Simone. São Paulo: Editora 34, 2017.

OGNIÓV, Nikolai. **Diário de Kóstia Riábtsev**. Trad. Lucas Simone. São Paulo: Editora 34, 2017.

OLIÉCHA, Iuri. **Inveja**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2017.

PILNIÁK, Boris. **O ano nu**. Trad. Lucas Simone. São Paulo: Editora 34, 2017.

PIPES, Richard. **História concisa da Revolução Russa**. Trad. T. Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

REED, John. **Dez dias que abalaram o mundo**. Trad. Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

REED, John. Os soviets em ação. In: **A revolução de Outubro**. Trad. Daniela Jinkings. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução**. Tradução: Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2007.

TROTSKY, Leon. **Questões do modo de vida**. Trad. Diego Siqueira e Daniel Oliveira. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.

TROTSKY, Leon. **A revolução de Outubro**. Trad. Daniela Jinkings. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

Recebido em: 25/08/2020

Aprovado em: 06/10/2020